



Conheça sete linhas pedagógicas encontradas nas escolas brasileiras

1.

TRADICIONAL ORGANIZAÇÃO E TRANSMISSÃO DO CONTEÚDO

Consolidada no século 19, a pedagogia tradicional coloca o professor no centro: ele seleciona e explica conhecimentos; o aluno acompanha, estuda e demonstra o que aprendeu. Livros, exercícios, provas e notas são frequentes. O foco em conteúdos estruturados aproxima a linha dos exames e vestibulares. A sequência clara favorece a aprendizagem, desde que a memorização não substitua compreensão e participação.

2.

CONSTRUTIVISTA APRENDER AO FORMULAR HIPÓTESES

O construtivismo se apoia nos estudos do psicólogo e biólogo suíço Jean Piaget. Sua teoria inspirou práticas em que a criança aprende ao agir, formular hipóteses e reorganizar o pensamento. O professor planeja desafios, observa e intervém; o aluno explora, argumenta e revê ideias. Jogos, materiais manipuláveis e projetos são possibilidades. Essa autonomia exige objetivos claros e acompanhamento constante.

3.

SOCIOINTERACIONISTA CONHECIMENTO CONSTRUÍDO COM O OUTRO

Inspirada nas ideias do psicólogo bielorrusso Lev Vygotsky, a perspectiva sociointeracionista entende a aprendizagem como processo social e cultural, mediado pela linguagem. A criança avança nas trocas e com apoio para fazer o que ainda não conseguiria sozinha. O professor organiza a colaboração; o aluno explica, escuta e coopera. Rodas de conversa, grupos e tutoria entre pares são exemplos de atividades.

Cada linha, uma forma de ensinar

Propostas pedagógicas orientam o papel de professores e alunos, a organização do currículo e as formas de avaliação

— Fábio Vieira

Um mesmo conteúdo pode ser apresentado de diferentes formas. O professor pode expor o assunto, orientar uma investigação em grupo ou observar as crianças ao escolherem o material. Essas cenas revelam diferentes concepções sobre o ato de aprender.

As linhas pedagógicas orientam o papel de professores e alunos, o currículo e as avaliações. Não são selos de qualidade nem receitas fechadas: escolas podem combinar referências e adaptá-las. “A nossa escola mescla o uso de aulas tradicionais e expositivas, que ainda funcionam muito bem dependendo da matéria e do conteúdo transmitido, com metodologias ativas”, exemplifica Helena de Salles Aguiar, diretora de Planejamento Estratégico e Integração do Colégio Bandeirantes, em São Paulo.

Na escolha da escola, conhecer a linha pedagógica ajuda a entender como a instituição ensina, avalia os alunos e trabalha a recuperação da aprendizagem. “A primeira coisa que deve ser feita é definir como você gostaria que seu filho fosse educado. Não se esqueça de levar em conta o perfil do aluno”, orienta o pedagogo Júlio Furtado, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutor em Ciências da Educação.

Em uma visita presencial, Marícia Ferri, diretora-geral do Colégio Farroupilha, em Porto Alegre (RS), recomenda observar evidências concretas, como projetos realizados pelos próprios estudantes.

NO GDV, ESPORTE
E CONHECIMENTO
FORMAM CAMPEÕES

+420
MEDALHAS EM OLIMPIADAS
DO CONHECIMENTO.

MATRÍCULAS
ABERTAS 2027
CONQUISTE SEU LUGAR NO MUNDO

Colégio
GDV

Acesse o site
do GDV

Acesse o Instagram
do GDV

VAI VISITAR UMA ESCOLA?
Veja o que observar além da estrutura
e da apresentação institucional.
Acesse pelo QR Code





4. MONTESSORIANA AUTONOMIA EM AMBIENTE PREPARADO

A médica e pedagoga italiana Maria Montessori abriu, em 1907, a primeira escola a aplicar sua linha de ensino, a Casa dei Bambini, em Roma. A proposta prioriza a autonomia em um ambiente preparado. O professor observa e apresenta materiais, o aluno escolhe atividades, as realiza no próprio ritmo, repete e se corrige. Prateleiras acessíveis, grupos de idades diferentes, materiais concretos e autocorretivos e períodos prolongados de trabalho são marcas conhecidas. A liberdade convive com limites e responsabilidade coletiva.

5. WALDORF DESENVOLVIMENTO INTEGRAL E EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS

A primeira escola Waldorf surgiu em 1919, em Stuttgart, na Alemanha. Inspirada na antroposofia, criada pelo educador austríaco Rudolf Steiner, a pedagogia Waldorf organiza o ensino por etapas do desenvolvimento e integra dimensões intelectual, corporal, artística e prática. Um mesmo professor tende a acompanhar a turma por longos períodos. Os conteúdos podem ser apresentados por meio de histórias, experimentos, atividades práticas, desenhos e trabalhos manuais. Nas "aulas em época", os alunos se dedicam a um único tema por cerca de três a quatro semanas.

6. REGGIO EMILIA AS MUITAS LINGUAGENS DA CRIANÇA

Desenvolvida na rede municipal de Reggio Emilia, na Itália do pós-guerra, com participação do pedagogo italiano Loris Malaguzzi, essa linha é mais comum na educação infantil. A criança é sujeito de direitos e se expressa por "cem linguagens", da fala à modelagem. O professor pesquisa com a turma, escuta, propõe e registra o processo. Ateliês e materiais abertos convidam à investigação. Fotos, registros escritos das falas e produções das crianças formam a documentação pedagógica. O pedagogo Geraldo Peçanha de Almeida resume: "A documentação pedagógica permite um olhar longitudinal na trajetória de uma criança até aquele ponto".

7. FREINETIANA COOPERAÇÃO E PRODUÇÃO COM FINALIDADE REAL

Professor em escolas rurais francesas, Célestin Freinet sistematizou sua pedagogia nos anos 1920. Com uma pequena imprensa em sala, os alunos produziam jornais com textos e desenhos próprios. Pela correspondência escolar, trocavam cartas, pesquisas e outras produções com turmas de diferentes instituições, dando à escrita leitores reais. O professor cria condições para investigar e compartilhar e o aluno assume autoria e responsabilidade coletiva. Assembleias, planos de trabalho e aulas-passeio são outras técnicas utilizadas. A turma escreve para ser lida, sem dispensar o ensino sistemático.



Como preparar o aluno para um mundo que se transforma a cada dia?

Com ensino trilingue e diploma válido no exterior, Colégio Miguel de Cervantes valoriza criatividade, senso crítico e respeito às diferenças

Preparar crianças e jovens para o futuro talvez seja uma das tarefas mais complexas da escola contemporânea. As transformações tecnológicas, as mudanças nas relações de trabalho e a nova configuração geopolítica alteram, em ritmo acelerado, a maneira como produzimos conhecimento, nos comunicamos e tomamos decisões.

É diante dessa perspectiva que o Colégio Miguel de Cervantes, no Morumbi, em São Paulo, estrutura seu trabalho. A formação acadêmica é fundamental, mas não se encerra na transmissão de conteúdos. O colégio procura desenvolver nos estudantes repertório, pensamento crítico, criatividade, colaboração e capacidade de adaptação — competências que permanecem relevantes mesmo quando as ferramentas, as profissões e os contextos se transformam.

"Quando penso nas tecnologias que mais impactaram a relação com o conhecimento, três momentos se destacam: a chegada da energia elé-

trica, a internet e, agora, a inteligência artificial. Entre essas transformações, a IA começa a interferir em uma dimensão ainda mais profunda, como a própria relação entre o ser humano, o conhecimento e a capacidade de produzir respostas", afirma Rudney Soares, diretor pedagógico.

Para as escolas, cada uma dessas mudanças trouxe novos desafios e também novas possibilidades pedagógicas. A sala de aula que antes dependia de cartolina, mimeógrafo e outros recursos analógicos

hoje pode contar com impressão 4D, programação, ambientes digitais e ferramentas de inteligência artificial. Mas a incorporação de uma nova tecnologia só faz sentido quando amplia a experiência de aprendizagem. No Cervantes, o uso desses recursos está associado a situações em que o estudante precisa investigar, criar, testar hipóteses, resolver problemas e refletir sobre aquilo que produz.

UMA FORMAÇÃO QUE ULTRAPASSA FRONTEIRAS

Fundado em 1978 por espanhóis que viviam em São Paulo, o Colégio Miguel de Cervantes oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio com uma formação reconhecida oficialmente no Brasil e na Espanha. A experiência internacional está presente não apenas na possibilidade de continuidade dos estudos no exterior, mas na própria

concepção de formação da escola e na preparação dos estudantes para diferentes contextos acadêmicos, profissionais e culturais.

Essa vocação internacional se reflete também na trajetória dos egressos. Entre os estudantes que concluem o Ensino Médio e seguem para o exterior, cerca de 70% permanecem fora do Brasil, dando continuidade à formação ou construindo sua trajetória profissional e pessoal, relata Soares.

O ensino é oferecido em regime integral e semi-integral e tem como base o português, o espanhol e o inglês, presentes desde a Educação Infantil. O cotidiano traduz essa perspectiva internacional: estudantes de diferentes nacionalidades compartilham os mesmos espaços, ao lado de professores de diversos países. Ao ingressar no colégio, seja como o estrangeiro ou brasileiro, o aluno passa por um período de adaptação, no qual conhece aspectos culturais do Brasil e da Espanha e começa a compreender a diversidade que caracteriza a comunidade escolar. "Essa experiência não se limita ao domínio de outros idiomas ou à possibilidade de estudar fora do Brasil, mas também à ampliação do repertório com que o estudante interpreta o mundo e compreende que existem diferentes maneiras de pensar, viver e produzir conhecimento", explica Soares.

ALUNOS NO EXTERIOR

70%

dos estudantes que
concluem o Ensino
Médio no Miguel de
Cervantes permanecem
fora do Brasil